

MANIFESTAÇÕES PATRIARCAIS NA OBRA TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA: A LITERATURA DE LIMA BARRETO COMO FERRAMENTA DE REFLEXÃO SOBRE DE GÊNERO E REPRESENTATIVIDADE¹

PATRIARCHAL MANIFESTATIONS IN THE WORK TRISTE END OF POLICARPO QUARESMA: LIMA BARRETO LITERATURE AS A TOOL FOR REFLECTION ON GENDER AND REPRESENTATIVENESS

Marcos Danilo Araujo Sousa²

Recebido em 12/03/2023

Aprovado em 24/06/2023

RESUMO

O presente artigo enfatiza descrever através de uma análise literária os principais dilemas e questionamento sobre a obra literária Triste Fim de Policarpo Quaresma, do autor Lima Barreto, objetivamente no que se trata de uma análise sobre as manifestações patriarcais, configuração do homem (gênero) como detentor sobre toda essência feminina, tendo como resultado a promoção de um embate de ideais sobre o Brasil do passado e o da atualidade, além de demonstrar como a literatura é importante para a sociedade através do seu processo de representatividade.

Palavras-Chave: Patriarcado; Triste Fim de Policarpo Quaresma; Século XX.

ABSTRACT

This article emphasizes describing, through a literary analysis, the main dilemmas and questions about the literary work Triste Fim de Policarpo Quaresma, by the author Lima Barreto, objectively in terms of an analysis of patriarchal manifestations, configuration of man (gender) as holder over all feminine essence, resulting in the promotion of a clash of ideals about the Brazil of the past and the present, in addition to demonstrating how literature is important for society through its representativeness process.

Keywords: Patriarchy; Sad End of Policarpo Quaresma; 20th century.

¹ O artigo de análise literária sobre a obra "Triste Fim de Policarpo Quaresma", do autor Lima Barreto.

² Profissional com formação acadêmica diversificada e sólida experiência em literatura e administração. Atua como professor na Faculdade do Centro Maranhense – FCMA/UNICENTRO e na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA campus Barra do Corda. E-mail: marcos.araujo188@gmail.com

INTRODUÇÃO

A obra literária *Triste Fim* de Policarpo Quaresma, enquadra-se como um romance do pré-modernismo brasileiro, sendo considerada pelo público literário brasileiro como a principal representante desse movimento literário. O livro que foi escrito por Lima Barreto foi levado a público pela primeira vez em folhetins, publicados, entre agosto e outubro de 1911, na edição da tarde do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Em 1915, também no Rio de Janeiro, a obra foi pela primeira vez impressa em livro, em edição do autor.

Não obstante, esta pesquisa fora conduzida com natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, com o propósito de compreender as ramificações que compõe o romance proposto e colocar em mesa um importante período da história nacional dentro de uma perspectiva literária crítica. Sendo neste caso, colocado em xeque uma das “instituições” mais antigas do mundo, o casamento, que dentro narrativa assume uma perspectiva ambígua, não se sabendo na verdade o porquê deste acontecimento, logo que na verdade em tom de denúncia o autor afere um vazio existencial a tal ato.

Logo, percebe-se que analisar os pensamentos de Barreto manifestados ao longo de seu livro, é uma tarefa primordial para compreensão de como a literatura é uma importante ferramenta de reflexão, estudo e denuncia, sobre quaisquer acontecimentos, porém aqui emanados na opressão social e histórica que o gênero feminino sofreu na virada do fim do século XIX para o XX e que até em tempos contemporâneos ainda se manifesta. Tornando-se o propósito deste artigo convergir estudo nesse objeto de análise.

244

O PATRIARCAL NO FINAL DO SÉCULO XIX E A SUBMISSÃO FEMININA DENTRO DO ROMANCE

Caracterização histórica e feminina

Percebe-se na obra barretiana um retrato clínico da sociedade brasileira do final do século XIX, chamando-se atenção para a interessante falta de protagonismo das personagens do gênero feminino, bem como na centralização descomedida de poder nas figuras do gênero masculino, tanto no meio social do período, quanto no romance de Lima Barreto,

exemplificadas nas imagens de Olga, Ismênia e Adelaide, além de outras personagens que assumem papéis mais secundários no livro.

Conforme Nascimento apud Chauí (1989), apesar da desintegração do patriarcado rural, a mentalidade patriarcal permaneceu na vida e na política brasileira, pelas vias do coronelismo, do clientelismo e do protecionismo. Assim, entende-se que a mentalidade patriarcal se embasa por diferentes fatores, que podem ser despertados de acordo com cada realidade, e não somente na zona rural, mas também na urbana, assim como o evocado na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que faz uma confluência dos dois contextos. Ademais, manifesta-se essa mentalidade nos entes centrais de poder, que em regra eram monopolizados em figuras masculinas.

Primeiramente, o livro se passa na localização geográfica do Rio de Janeiro, na época o centro econômico e político do Brasil, local em que os jogos de poderes, a vaidade, e os dogmas sociais ditavam a realidade, posteriormente o romance ganha ares rurais com a mudança do Major Quaresma, que após problemas com a realidade urbana, resolve se dedicar aos assuntos genuinamente nacionais com a terra, adquirindo um sítio abastado dos subúrbios, tendo como sua fiel companheira a sua irmã, Adelaide.

Portanto, sabido os locais os quais os personagens estavam submetidos, contudo não ignorando as circunstâncias históricas do período: eclosão da revolta armada e federalista tem-se preliminarmente, o aspecto ambiental da obra delineado. Faz-se necessário agora compreender o perfil das personagens do gênero feminino do romance, e como cada uma pode representar a maneira como a mulher era vista na transição do século XIX para o XX, no Brasil. Representatividade colocada sob uma ótica da falta de protagonismo, libido e personalidade das personagens, não aqui somente utilizando como significado os sentidos literais das palavras, aquelas que foram colocados dentro de um dicionário, mas os conceitos e o que cada signo exposto permite ser compreendido dentro da obra, o que cada palavra relata mesmo que poeticamente sobre Ismênia, Adelaide e Olga, que tiveram por quase nenhuma oportunidade a sua individualidade manifestada sem sofrerem coações.

Dentro do Romance de Lima Barreto, destacam-se três personagens do gênero feminino, que mesmo de maneira secundária, exemplificam personalidades distintas, conforme a tabela abaixo.

Quadro 01: Personagens do gênero feminino e suas transformações ao longo da trama

Nome	Início do Romance	Permanece até o fim?	Observações
Ismênia	Submissão	Sim	A sua submissão ganha grau extremo, e não se visualiza sem uma figura masculina para se estar atrelada.
Adelaide	Submissão manifestada por via de uma vida monótona	Sim	Goza de certa liberdade, e não se submete a figura do casamento como única fonte de realização. Porém faltam ambição e desejos maiores.
Olga	Submissão, porém desde o início com resquício de não adequação.	Não	A personalidade de Olga ganha emancipação e liberdade, quando então resolve libertar-se das vontades de seu marido, e em ato de altruísmo tenta salvar seu padrinho.

Fonte: Autor (2023)

A personagem Ismênia é uma das personagens mais “sofríveis” do livro, sofrendo assim como o protagonista um triste fim. A ela se delinea o maior drama e a maior dor do romance, pois se a morte é representada como a pior das sensações, um martírio vazio até ela, sem verdadeiros ideais ou realizações, por si a supera. Entretanto, para compreender esse fim, é necessário saber-se o que o premeditou, as circunstâncias que instauraram um quadro irreversível de opressão psicológica e social com fins trágicos.

Por seguinte, Ismênia é descrita no romance como uma mulher mansa, submissa a um sistema de preceitos em que o casamento se porta como a única maneira de realização de uma mulher, em outras palavras, o casamento a torna mulher. Assim, por falta de uma visão mais ampla de vida, ou porque esse talvez fosse o único sonho que uma mulher em uma sociedade dominada por homens, que centralizavam todas as formas de poder, e que detinham todas as regalias por isso. A personagem cria um zelo e apreço utópico pelo casamento. A sua realização de vida.

A narrativa descreve Ismênia e seus pensamentos.

“Intimamente ela não se incomodava. Na vida, para ela, só havia uma coisa importante: casar-se; mas pressa não tinha, nada nela a pedia. Já agarrara um noivo, o resto era questão de tempo”. (BARRETO, 1998, p. 28).

Aloca-se assim na personagem um desvario, uma obsessão pelo matrimônio, obstante a sentimentos e reciprocidade pelo cônjuge. Manuseando o romance, percebe-se que as escolhas pelos parceiros ideais giravam entorno de interesses políticos e econômicos, sendo a união entre homem e mulher uma forma de angariar ativos para o prestígio da família.

Cavalcanti, noivo de Ismênia, estudava para dentista, e conforme o decorrer da trama consegue se formar, ganhando assim prestígio perante a sociedade do subúrbio carioca, e sendo cortejado pelo pronome de Doutor, o que o faz um bom nome para marido.

Ressalta-se, que o casamento por si somente não representa um elemento de opressão, pois a união entre homem e mulher por fatores históricos e sociais é responsável em boa parte pelo processo de evolução e civilização humana, pois o matrimônio tradicional cristão permitiu não só uma transcendência de dois corpos, exemplificados no signo conhecido como “amor”, ao contrário de outros territórios e religiões em que a figura feminina por senso comum foi infinitamente mais subjugada. Bem como se fez um freio a desejos não morais e cristãos, que são as bases de nossas leis e constituição, trazendo pacificação e denominadores comuns de comportamento, entretanto que na falta de outras formas de lazer, ou até de perspectiva, perdeu a sua função social em determinados casos, e se fez uma carga demasiadamente excessiva especialmente ao gênero feminino. Outro fator protuberante para esse quadro foi à falta de cobrança análoga aos homens, o que poderia garantir um caráter empático as relações.

O discurso por trás do casamento

247

Segundo SILVA (2015, p. 28), “O rigor dos bons costumes era ainda mais intenso com relação às mulheres do XIX, dada a própria posição subalterna que a grande maioria das filhas e esposas ocupava [...]”. Essa intransigência quanto à manutenção dos bons costumes fez com que as mulheres fossem os principais alvos desse descomedimento, porém causando um efeito reverso do seu objetivo. Logo que se o conservadorismo prega a manutenção dos hábitos saudáveis para um povo, passados de tempos anteriores em geração para geração, o que é legítimo, a deturpação dele fez com que sequelas fossem causadas. Logo que a falta de liberdade aliada com uma falta de perspectiva provoca efeitos imensuráveis na mente de quem é vítima.

No romance, percebe-se a perda da falta de perspectiva em relação ao casamento, conforme BARRETO (1998, p. 175), “O casamento já não é mais amor, não é maternidade, não é nada disso: é simplesmente casamento, uma coisa vazia, sem fundamento nem na nossa natureza nem nas nossas necessidades”.

Esse dialogismo entre a sociedade brasileira que estava prestes a entrar no século XX, e o romance, fica evidente conforme o desenvolvimento do tema. Há nesse caso uma desconfiguração da instituição “casamento”. O interlocutor afere uma perda de significado, diante da corrupção dos valores dele. Por conseguinte começa a faltar-se amor, maternidade, e tampouco se atende a sua função social. Neste caso, existe apenas uma figura de opressão e de rito obrigatório nessa ligação que deveria ser íntima.

Em vista disso, levando em conta o notório apreço pela questão do matrimônio, a personagem do romance, Ismênia, desenvolve nele mais do que um sentido para sua vida, ela o atribui como único.

[...] Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar"... ou senão "Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar"...(BARRETO, 1998, p. 42)

Assim, percebe-se que atribuir a algo como a sua única fonte de realização, ou como concretização de existência, é nocivo a qualquer ser humano. E essa compulsão desenvolvida pela personagem, demonstra que as chances de frustrações o qual estava predeterminada seriam grandes, pois a utopia que creditara a figura do casamento, e a realização que convergiria com a concretização dele, não eram reais, mas mero fruto de sua imaginação e do processo de condicionamento que foi realizado com ela durante seus anos de vida, sendo que qualquer obstáculo que fosse colocado entre esse sonho e a realidade poderia tornar-se tóxico e trágico. O que acabou acontecendo no romance.

Essa toxidade pela qual Ismênia é vítima, representa um exemplo claro do qual as mulheres estavam submetidas à época, seja pelo processo de condicionamento mental o qual submetiam as moças desde jovens, de que o homem deveria ser a figura a representar liberdade, proteção e realização a elas, preenchendo as lacunas as quais estavam vazias. E que somente o casamento com um bom rapaz, preferencialmente de várias posses e títulos poderiam as preencher. Seja pela perspectiva de que se não tem cão, caça-se com gato, se o casamento é a única coisa a se fazer, faça-se. É preciso esclarecer que nem todo o pensamento de Ismênia estava equivocado, e que o pensamento do qual ela estava submergida representava um conceito de verdade, mas que, no entanto detinha vícios,

e pontos a serem melhorados. Encontrando-se na sua figura frágil, essas convicções e esse fervor em casar, tomaram rumos nefastos.

Não obstante, seguindo as páginas do romance, aparece outra personagem feminina a ser observada, a figura de Adelaide, irmã do protagonista, que tem um perfil divergente de Ismênia quanto à concepção e o apreço ao casamento, pois àquela se goza de falta de anseios matrimoniais, apesar de ambas convergirem no que tange aos interesses da sociedade do qual pertenciam, e de dividirem uma reciprocidade de afeto pela monotonia do cotidiano.

Para Dona Adelaide, a vida era coisa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido. Se não casou foi porque não sentiu necessidade disso; o sexo não lhe pesava e de alma e corpo ela sempre se sentiu completa (BARRETO, 1998, p. 116)

Desse modo, percebe-se que à Adelaide é dada dentro do romance a maior liberdade no que se trata do matrimônio, tendo ela uma falta de ambição incomum dentro do contexto literário e histórico, na constituição de um casamento e na formação de uma família, existe nela uma figura de emancipação desse sonho, de que isso não pesava em seus pensamentos do cotidianos, por mais que a ausência de uma relação matrimonial a cause um ar melancólico de solidão conseqüentemente. Existe nesse caso uma afetuosidade pela monotonia.

Portanto, com a autossuficiência da personagem em sua relação com as expectativas de ter um marido, delinea-se em Adelaide uma figura de irmã e mãe, assim ela atribui à figuração de Policarpo Quaresma, além de sua figura natural de irmão, a de filho também, onde na falta de uma relação matrimonial, acaba por sentir a necessidade intrínseca das mulheres de externarem seus anseios maternos.

Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, tinha uns quatro anos mais que ele. Era uma bela velha, com um corpo médio, uma tez que começava a adquirir aquela pátina da grande velhice, uma espessa cabeleira já inteiramente amarelada e um olhar tranqüilo, calmo e doce. Fria, sem imaginação, de inteligência lúcida e positiva, em tudo formava um grande contraste com o irmão; contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem tampouco uma penetração perfeita [...]. (BARRETO, 1998, p. 115)

A personagem tem certa deturpação na relação com o seu irmão, pois ele por ser a pessoa mais próxima do qual tinha contato no cotidiano, e qual tem relação mais íntima, torna-se o principal fim desse desígnio da maternidade, criando-se assim uma relação complexa e de dependência com protagonista. Contudo que idealiza a personagem uma personalidade própria, com aparência física e intelectual definidas, sendo ambas rudimentares e sem grandes qualidades. “A velha senhora viu logo a perturbação do irmão e leu com pressa e solicitude. Ela tinha aquela ampla maternidade das solteironas; pois parece que a falta de filhos reforça e alarga o interesse da mulher pelas dores dos outros [...]” (BARRETO, 1998, p. 110)

Apesar da liberdade que Adelaide gozava em relação ao casamento, faltava-lhe maior sentido de vida. Existia uma lacuna, que na ausência de um marido, não tinha outro objeto a preencher. A personagem não tinha nenhum sonho, nenhum anseio de algo que pudesse despertar o prazer por viver, a sua vida estava resumida em cuidar dos interesses do irmão, ora ocupando as posições de mãe, irmã e esposa, em um processo de submissão voluntária e espontânea, onde paradoxalmente, no entanto não tinha total controle.

Por consequência faltava-lhe eloquência para ter seus próprios desejos e objetivos em Adelaide. Assim, o estereótipo da figura da mulher “solteirona”, dita em maneira mais vulgar ainda como a popular “titia”, ganha ares, estando fadada a viver sem grandes feitos, aventuras ou amores, e a uma existência sem deixar grande marco de sua passagem.

250

Olga: A revolucionária!

Dentre todas as personagens do gênero feminino do romance, a que ganha maior expressividade, chama-se Olga, filha de Coleoni, esposa do doutor Armando Borges, e afilhada de Quaresma. Apesar de serem creditados mais adjetivos aos seus “guias” do que à própria personagem, bem como que para caracterizá-la é preciso citar antes a figura masculina a qual está atrelada, como se não fosse possível ter personalidade própria, comparando-se a um processo morfológico de que somente existe a opção de classificação em sujeito composto, neste caso, que têm dois núcleos ou mais, sendo representado no romance pelas figuras masculinas, respectivamente, do pai, do esposo e padrinho, eliminando-se por tabela a opção do simples, somente um sujeito, que se trataria apenas da figura

feminina, logo que a elas torna-se impossível ser o centro de alguma coisa, incluindo a sua existência.

Todavia, antes de analisar a independência da personagem margem ao contexto o qual estava situada, é preciso salientar de antemão, que a autonomia em questão se trata de maneira comparativa às outras personagens do gênero feminino, logo que a personagem ainda estava presa a pensamentos patriarcais equivocados, conforme relata a obra em sua narrativa.

“Casava por hábito de sociedade, um pouco por curiosidade e para alargar o campo de sua vida e aguçar a sensibilidade” (BARRETO, 1998, p. 70). Essa pretensão de que a mulher tem uma necessidade intrínseca de constituir matrimônio e tornar-se genitora, estava presente em certa medida nos ideais da personagem, que não eram errados, logicamente, haja vista que constituem necessidades humanas relações afetivas e sociais, sendo o casamento e se tornar mãe a forma mais concreta de exemplificação de exteriorização dessa penúria, e que faz parte real do processo de evolução humana, socialmente e historicamente.

Entretanto, o alvo da reflexão é a maneira em que essa parte social humana estava presente no contexto da obra, pois se torna questionável as motivações dessa obrigatoriedade que era feita a todo o momento às mulheres, a falta de opções de sentido de vida além da família, como de lazer e realização, e a demasiada centralização de poder do homem como gênero mais forte, mesmo quando se tratam de assuntos predominantemente femininos.

Os sinais de que havia certa diferença de Olga com as demais personagens aparecem desde a parte inicial do romance.

Em começo, pensou em dá-la a seu ajudante ou contramestre, uma espécie de arquiteto que não desenhava, mas projetava casas e grandes edifícios. Primeiro sondou a filha. Não encontrou resistência, mas não encontrou também assentimento. Convenceu-se de que aquela vaporosidade da menina, aquele seu ar distante de heroína, a sua inteligência, o seu fantástico, não se dariam bem com as rudezas e a simplicidade campônias de seu auxiliar. (BARRETO, 1998, p. 59).

O próprio pai de Olga reconhece a intelectualidade da filha, sondando qual perfil masculino melhor se adequaria a ela, apesar de que não houvesse por parte dela resistência a nenhum perfil, e que talvez por não haver outra opção a não ser o casamento, a personagem sentia que era melhor o feito do que o perfeito. Todavia, por precaução de seu pai, acaba se casando com o Doutor Armando Borges, homem de mais estima

e de pretensa intelectualidade, e que poderia assim despertar em Olga desejos recíprocos. O que acontece na parte inicial do romance, conquanto se esvai quando ela lida com a face real de seu esposo, corrupto e ganancioso, o que gera um contraste com o da personagem, que se demonstrava sensível as mazelas da época.

— Deviam continuar a presenciar as prisões, as deportações, os fuzilamentos, toda a série de violências que se vêm cometendo, aqui e no Sul? —Você, no fundo, é uma revoltosa, disse o doutor, fechando a discussão. Ela não deixava de ser. A simpatia dos desinteressados, da população inteira era pelos insurgentes [...] (BARRETO, 1998, p. 138)

Esse diálogo externa os pensamentos de Olga sobre o regime governamental da época. A sua oposição à ditadura e os atos questionáveis como as prisões, deportações e os fuzilamentos. Essa reflexão da personagem a faz ser adjetivada de revoltosa por seu esposo, justamente por esse caráter de questionamento do qual detinha, o que se colocava como oposto do que os hábitos do final do século XIX esperavam das mulheres.

Destaca-se assim, o caráter extremamente heterogêneo da personagem com o do seu cônjuge. Enquanto o doutor Armando Borges galgava maiores cargos e prestígio, não observando os parâmetros éticos ou qualquer conceito de integridade, a sua esposa, Olga, entretanto buscava olhar ao seu redor com uma visão que abrangia as injustiças e a violência, não apenas utilizando os seus próprios interesses como o centro.

A exemplificação disso desenvolve-se nos últimos atos do romance, quando a personagem é a única a se levantar mediante as injustiças cometidas contra o protagonista, Major Policarpo Quaresma, um homem integro que carregava em suas costas apenas o “crime” de tentar ajudar a sua pátria, por mais que às vezes de maneira desequilibrada. Olga é sem dúvidas a personagem do gênero feminino mais emblemática da obra, não só por sua inteligência ou feminilidade, mas por junto com o protagonista levarem um caráter até então sem qualquer resquício de corrupção.

— É isto! "Eu", porque "eu", porque "eu", é só "eu" para aqui, "eu" para ali... Não pensas noutra coisa... A vida é feita para ti, todos só devem viver para ti... Muito engraçado! De forma que eu (agora digo "eu" também) não tenho direito de me sacrificar, de provar a minha amizade, de ter na minha vida um traço superior? É interessante! Não sou nada, nada! Sou alguma coisa como um móvel, um adorno, não tenho relações, não tenho amizades, não tenho caráter? Ora!... (BARRETO, 1988, p. 204)

Percebe-se assim, que a individualidade de Olga manifesta-se mais incisivamente nos últimos atos do romance, a partir do despertar do encarceramento de seu padrinho, que aguardava a chegada do seu destino final. A personagem assim coloca-se diante de um questionamento moral e existencial. O que seria o seu eu? Quais laços afetivos teria sido capaz de cativar e cultivar? Essas indagações feitas em sua mente e externadas no último diálogo a levam ao enfrentamento da figura opressora e corrupta de seu esposo.

O traço superior que refletira gera em seu ego um aspecto de moralidade que a faz não querer ser apenas um adereço que se esperava das mulheres do período, mas a carregar em sua vida algum ato de grandiosidade, alguma marca de existência que demonstre que ela passou realmente pela vida, não apenas esperou o seu destino cumprindo britanicamente a ociosidade do cotidiano.

Olga ganha assim, em sua reta final um traço de heroína, de moralidade e de honra, por levantar-se contra um regime social para defender alguém que tinha estima. A personagem coloca-se assim no romance como uma mulher visionária, em caráter similar ao protagonista, e ambos caracterizando-se como verdadeiros patriotas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

253

A obra Triste Fim de Policarpo Quaresma se coloca então como uma ferramenta de ponderação e crítica social a sociedade brasileira na transição para o século XX, registrando-se como objetivo deste artigo refletir não apenas sobre um mero romance, mas buscar analisar e descrever as principais vertentes dele, de fatores intrínsecos à obra, a elementos extrínsecos.

Com esses pressupostos colocou-se no holofote a falta de protagonismo do gênero feminino, especialmente no que se relaciona a concepção do casamento como ferramenta de opressão social. No romance não foram rasos os acontecimentos que demonstraram a falta de individualidade das personagens, exemplificadas assim nas figuras de Ismênia, Adelaide e Olga, além de outras que apareceram de maneiras mais secundárias, porém não menos dignas de observações. Lima Barreto assim coloca sob perspectiva um dos atos sociais mais antigos da sociedade, uma instituição concebida na figura do matrimônio.

As ponderações sobre o casamento, e o forte caráter de corrupção que estavam presos a sociedade brasileira do final do século XIX entram

em confluência quando aquele se porta como ferramenta de ascensão social e política, assim misturando-se os objetivos teóricos e práticos de um relacionamento interpessoal que deveria representar pelo menos em tese, intimidade e amor, diferindo-se originalmente de promiscuidade, esta concebida na ambiguidade das intenções. Observando-se, que sendo as mulheres, devido ao processo histórico e cultural do Brasil e mundo, logicamente mais propensas e vulneráveis a excessos.

Logo assim, percebe-se que Lima Barreto tenta utilizar o seu romance como uma ferramenta de ponderação e representatividade das mazelas sociais do qual julgava ser conhecedor. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, literatura e história andam aos mesmos passos, no qual há um caráter de complementação entre ambas as vertentes, em âmbito de denuncia e representação social. Entretanto, que ainda permite muitas reflexões a serem extraídas, a corrupção, o cinismo e diversos fatores que ainda hoje trazem reflexos na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Editora FTD, 1998.

IV ENCONTRO NACIONAL e X FÓRUM ESTADO, CAPITAL, TRABALHO, 2017, São Cristovão, Patriarcado Rural: permanência e alterações da ordem patriarcal no meio rural. São Cristovão: UFS, 2017. Disponível em: <https://engpect.files.wordpress.com/2017/10/gt3-03-patriarcado-rural.pdf>. Acesso em 20 de jan. 2020.

SILVA, JP. Empreendimento matrimonial: uma lição mercantil. In: **“Destaque para a melhor”**: a presença das viúvas machadianas no **Jornal das Famílias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 25-56. ISBN 978-85-7983-659-6. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/138591>. Acesso em 30 de jan. 2020.